

Presos suspeitos de mandar matar vereadora Marielle Franco

PF aponta os mandantes do crime

Deputado e conselheiro que teriam encomendado execução, além de delegado suspeito de obstruir apuração, foram presos

Menos de uma semana após o Supremo Tribunal Federal (STF) homologar a delação premiada do ex-policial militar Ronnie Lessa, acusado de ser o executor do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes em março de 2018, a Polícia Federal prendeu preventivamente, em operação ontem pela manhã, o deputado federal Chiquinho Brazão e o irmão dele, o conselheiro do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro Domingos Brazão, investigados como mandantes do crime. Também foi preso o ex-chefe da Polícia Civil Rivaldo Barbosa, que teria participado do planejamento e dado garantia de imunidade aos envolvidos.

As prisões, que foram autorizadas pelo ministro Alexandre de Moraes, terão de ser referendadas pela 1ª Turma do STF. A Corte convocou uma sessão extraordinária virtual para hoje. O plenário da Câmara dos Deputados também terá de decidir se mantém ou não a prisão de Chiquinho. Os três foram encaminhados para penitenciária federal de Brasília.

O União Brasil, partido de Chiquinho, decidiu, em reunião da executiva, expulsar o parlamentar.

Evidências

O relatório final da PF aponta que há evidências claras de obstrução às investigações, originadas dentro da própria Delegacia de Homicídios do Rio. Segundo a PF, a apuração foi sabotada desde o início, "mediante ajuste prévio dos autores intelectuais (os irmãos Brazão) com o então responsável pela apuração de todos os homicídios ocorridos no Rio (Barbosa)". As execuções ocorreram um dia após a posse de Barbosa como chefe da Polícia Civil.

Batizada de Murder Inc., a operação foi deflagrada em um domingo, o que não é usual, porque havia riscos de vazamentos de informações.

A investigação foi federalizada em fevereiro do ano passado. Em entrevista coletiva, o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, afirmou que "neste momento, os trabalhos foram dados como encerrados" no âmbito da PF.



Marielle



Ex-chefe da Polícia Civil, Rivaldo Barbosa teria garantido imunidade aos envolvidos

Quem é quem

OS ALVOS DA AÇÃO DE ONTEM



Domingos



Chiquinho

Chiquinho e Domingos Brazão
Chiquinho foi vereador do Rio por quatro mandatos, o último coincidindo com o de Marielle Franco (PSOL), entre 2017 e a morte da vereadora, em março de 2018. Foi eleito deputado federal pelo Avante em 2022. Licenciou-se, no final do ano passado, para atuar como secretário municipal de Ação Comunitária, cargo que ocupou por quatro meses. Seu nome apareceu vinculado ao caso Marielle após ser citado na delação premiada de Ronnie Lessa.

Domingos foi deputado estadual de 1999 até ser indicado para o TCE-RJ, em 2015. Desde 2019, é citado como suspeito de envolvimento no caso Marielle, mas sempre negou participação. Naquele ano, a então procuradora-geral da República, Raquel Dodge, pediu a federalização da investigação, denunciando o conselheiro por desobstrução de Justiça, mas o pedido foi negado.

O reduto político da família Brazão é Jacarepaguá, na zona oeste do Rio, região dominada por milícias. Domingos já admitiu ter matado um homem em 1987. O processo ficou parado, subiu para o Tribunal de Justiça em 2000 (depois que se tornou deputado estadual). Em 2002, a Corte Especial rejeitou a condenação.

Rivaldo Barbosa

Delegado, foi empossado chefe da Polícia Civil do Estado do Rio no dia 13 de março de 2018, um dia antes da execução de Marielle. A nomeação foi assinada pelo então interventor federal do Rio, general Walter Braga Netto, que depois seria ministro da Defesa e da Casa Civil no governo Jair Bolsonaro. Em nota, Braga Netto alegou que a indicação cabia ao secretário da Segurança e que ele apenas assinou o ato administrativo "por questões burocráticas".

Barbosa deixou a chefia da Polícia Civil em janeiro de 2019, após a posse do governador Wilson Witzel. Graduado em Direito, também ocupou o comando da Direção de Homicídios.



Barbosa

OUTROS INVESTIGADOS

Ronnie Lessa
O ex-policial militar é apontado como autor dos disparos que mataram Marielle e Anderson Gomes, o motorista. Preso desde março de 2019, foi expulso da PM em 2021 e condenado por ocultação das armas utilizadas nos crimes. Sua delação premiada, homologada na semana passada pelo STF, foi decisiva para o avanço da investigação.

Élcio de Queiroz
Admitiu ter sido o motorista do Cobalt prata que perseguiu a vereadora. Ex-sargento da PM - foi expulso em 2015 -, está preso desde 2019 e também fechou acordo de delação premiada.

Maxwell Simões Corrêa
Conhecido como Suel, é ex-sargento do Corpo de Bombeiros e foi citado na delação de Élcio Queiroz. É suspeito de ter disponibilizado um veículo para os executores esconderem as armas após o crime e auxiliar no descarte delas. Já teria participado de tentativa de assassinar a vereadora em 2017. Também está preso.

Edilson Barbosa dos Santos
Conhecido como Orelha, era proprietário de um ferro-velho no Morro da Pedreira, na zona norte do Rio, onde o Cobalt usado no crime teria sido desmanchado. Foi preso no dia 28 de fevereiro.

Alvo lançou livro sobre a investigação

Além dos três suspeitos que foram presos ontem, o ministro Alexandre de Moraes também determinou medidas cautelares contra outros quatro investigados. Um deles é o delegado da Polícia Civil Ginton Lages.

Ex-chefe da Delegacia de Homicídios da Capital (DHC), Lages esteve à frente do caso Marielle até 2022, quando foi substituído no comando das investigações. À época, a corporação alegou que ele havia sido convidado pelo então governador Wilson Witzel para fazer intercâmbio na Itália. Ele ainda estava liderando a apuração, porém, quando os executores Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz foram presos.

Um ex-subordinado de Lages na Polícia Civil do Rio, o comissário Marco Antônio Barros, também foi alvo de busca e apreensão, ontem. Segundo o relatório do PF, eles atuaram para desviar "deliberadamente o curso das investigações" e blindar os envolvidos ao apresentar a tese de que Lessa e Queiroz teriam cometido um crime de ódio, por discordarem da atuação de Marielle.

Após deixar o posto, ele lançou o livro *Quem Matou Marielle?*, no qual conta bastidores da investigação em 296 páginas. Em entrevista na época do lançamento ao jornal O Estado de S. Paulo, ele fez diversos elogios a Marielle.

- Era uma pessoa absolutamente ética, com objetivos, uma excelente filha, uma mãe dedicada, apaixonada pelo seu mister, que acreditava que estava transformando as pessoas. A relação dela com os assessores, ela cuidava de cada um deles, a relação com a filha, com a companheira. Então, realmente, não tinha como não se apaixonar por ela - declarou na ocasião.

Tornozeleira

Também foram alvo de buscas a esposa de Rivaldo Barbosa, Erica de Andrade Almeida Araújo, e o assessor do Tribunal de Contas do Estado Robson Calixto Fonseca. Todos terão de usar tornozeleira eletrônica e tiveram que entregar os passaportes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Pagina: 8